

PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UM DIÁLOGO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

DELKE CASSIMIRO DOS SANTOS COELHO

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a religião e a psicanálise. Estudos que parecem seguir caminhos diferentes, mas que entremeadas de consistentes pontes propiciam um diálogo. O objetivo é apresentar onde é possível estabelecer este diálogo, já que este se faz tão necessário na constituição do sujeito. Para tanto, buscou-se fundamentar e embasar a temática, a partir das contribuições de teóricos como Freud, Winnicott, Melanie Klein, White, dentre outros autores, que apresentam seus estudos sobre a religião e/ou a psicanálise, sem a intenção de esgotar o assunto, já que este merece ser cada vez mais estudado, mas no intuito de fortalecer uma proposta que vai além de conceitos isolados, mas que se entrelaçam, a fim de alcançar melhores resultados. Assim, discorreremos sobre alguns pressupostos presentes na história destes estudos.

Palavras-chave: Psicanálise. Religião. Sujeito. Identificação. Diálogo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, observa-se a religião como um aspecto que sempre esteve presente nas relações, propiciando trocas fecundas e revitalizando questões antigas e atuais, que ao desenvolver-se assumiu diferentes formas nas mais variadas culturas.

Atualmente, religiões que colocam a ênfase na crença, enquanto outras destacam a prática; há aquelas que focam em uma experiência subjetiva, enquanto outras propõem como importante, o desenvolvimento de atividades na comunidade; algumas religiões se apresentam como universais, afirmando suas leis e cosmologia como válidas ou obrigatórias à todas as pessoas, outras ainda se colocam como prática a um grupo definido ou localizado. Além disso, as relações religiosas estão associadas a várias instituições públicas, como escolas, hospitais, famílias, governos e hierarquias políticas.

Por sua vez, a origem da psicanálise, está na medicina elaborada por Sigmund Freud (1856-1939)¹, um médico neurologista austríaco, formado em 1881, que através do campo clínico e de investigação teórica estudou a psique humana. Freud propôs este método, a fim de compreender e analisar o homem, enquanto sujeito do inconsciente, a partir de três áreas: método de investigação do psiquismo e seu funcionamento; sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano; método de tratamento caracterizado pela aplicação da técnica da Associação Livre².

Atenta ao dinamismo cultural, a psicanálise oferece suas perspectivas a respeito da religiosidade. Paralelamente, a religião sendo observada na perspectiva do “ser” e não do “fazer”, ressurge como uma aliada a psicanálise, na intenção de levar o ser humano, enquanto sujeito do inconsciente, a “cura”.

Para melhor compreensão das relações entre religião e psicanálise e para ter uma concepção mais fiel ao que se propõe este artigo, faz-se necessário apresentar, primeiramente e individualmente, alguns dos pressupostos de cada uma destas áreas.

Observando os diferentes caminhos para os quais cada uma se atem, ao mesmo tempo em que estão sendo passíveis de uma análise conjunta diante das importantes contribuições na formação psíquica do ser humano, propõe-se uma reflexão: Seria possível estabelecer um diálogo entre religião e psicanálise? O quanto isso se relaciona com a prática psicanalítica? Até que ponto a psique pode ser afetada pelas crenças ou pela falta de fé?

Para tentar responder a estas perguntas discorreremos sobre os temas: a religião e a psicanálise – aspectos antigos e contemporâneos-Freud e a religião, e, por fim, o possível diálogo na constituição do sujeito.

¹Sigmund Schlomo Freud: nasceu no ano de 1856 em Freiberg (atual República Tcheca e na época Império Austríaco). Formado em Medicina pela Universidade de Viena (Áustria) e especializado em tratamentos para doentes mentais é considerado o grande nome da psicanálise (terapia freudiana) de todos os tempos. Ele foi o responsável pela revolução no estudo da mente humana (SUA PESQUISA.COM, 2018).

² Método Psicanalítico elaborado pelo médico Neurologista Sigmund Freud, onde a verbalização da associação de ideias que surgem de forma espontânea à mente. É considerada regra fundamental para qualquer processo psicanalítico, considerando sua evolução histórica na psicanálise, a partir da renúncia da hipnose e do método catártico. A teoria psicanalítica, tendo como exigência interna o alcance do inconsciente, encontrou na associação livre uma aplicação sistemática, estabelecendo uma das maneiras que o analisando deveria se comunicar no processo analítico. A associação livre como estratégia técnica abordada por Freud contemplou sua construção teórica sobre as formações inconscientes e suas leis de funcionamento, a partir do trabalho de investigação do próprio sujeito e de escuta da própria fala (JORGE, 2007).

2 RELIGIÃO X PSICANÁLISE

2.1 A RELIGIÃO

A religião apresenta-se sob as mais variadas formas, das mais primitivas às mais elaboradas, dificultando ao longo da história da humanidade uma única definição.

Uma abordagem disciplinar com base em estudos científicos e analisada por diversas disciplinas das ciências sociais e humanas, dentre elas, a história das religiões³ – nascida na segunda metade do século XIX e que não só estuda a religião recorrendo aos métodos da investigação histórica, mas também estuda o contexto cultural e político em que determinada tradição religiosa emergiu – definiu um modelo padrão de religião, proposto por Clifford Geertz (1962-2006)⁴, considerando-a um "sistema cultural" (GEERTZ, 1973). Para Geertz (1989, p. 15): “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. De modo que a cultura é vista como as teias e a análise à procura de significados.

Compreendendo que a religião e os religiosos são construídos historicamente na trama social, pode dizer, conforme a interpretação de Fucner (2012, p. 165), que o conceito de cultura é “semiótico”⁵, ou seja, uma cultura que

³A primeira vertente é a História das Religiões, esta, uma subdisciplina já bem consolidada no meio acadêmico, construída e teorizada desde o Séc. XIX. A principal postura metodológica da História das Religiões é a de ser comparativa e classificatória, trabalhando com diversas religiões e sistemas de crenças, buscando semelhanças e diferenças. Segundo M. Eliade, em *O Sagrado e o Profano* 13, a História das Religiões, na fase de seu surgimento, final dos anos 1890, chegou a confundir-se com outra disciplina nova, a Ciência da Religião, defendida pelo filólogo, orientalista, mitólogo e culturalista alemão Max Muller (1823-1900), (PRADO; SILVA JÚNIOR, 2014, p. 11).

⁴Clifford James Geertz antropólogo estadunidense, produziu grande parte de suas reflexões acerca da antropologia na segunda metade do séc. XX. Preocupado com os rumos para onde se direcionava essa disciplina, realizou uma meta-antropologia, questionando o papel do antropólogo enquanto autor das etnografias e também o papel do sujeito-informante. Juntamente com seus questionamentos epistemológicos, Geertz definiu um novo conceito de cultura, mais compatível com a antropologia que realiza após o giro antropológico. Suas preocupações meta-antropológicas impactam fortemente suas etnografias, motivo pelo qual não é possível compreender umas sem as outras. Finalmente, defende que para apreendermos qualquer relação social ou significado atribuído por determinado grupo, devemos realizar um estudo etnográfico que busque como resultado a descrição densa, pois somente a partir dela somos capazes de compreender as teias de significados nas quais os sujeitos estão imersos (FARIA, 2014).

⁵Semiótica é o estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não verbais. [...] Segundo registros históricos, a semiótica teve sua origem na Grécia Antiga, mas apenas se desenvolveu no começo do século XX, com o trabalho de alguns pesquisadores, como o mestre da

busca entender como o ser humano consegue interpretar as coisas, principalmente o ambiente que o envolve. Desta forma, estuda como o indivíduo atribui significado a tudo o que está ao seu redor.

Este modelo, usado em cursos de estudos religiosos conhecidos também por “Ciência da Religião”⁶ – foi criticado por Talal Asad⁷ que definiu a religião como “uma categoria antropológica” (ASAD, 2010).

Considerando a categorização de Asad(2010) e o conceito de antropologia da religião como aquela que “envolve o estudo de instituições religiosas em relação a outras instituições sociais e a comparação de crenças e práticas religiosas entre culturas” (CASSIRER, 1944)– pode-se dizer que a partir também da religião procede a moralidade e a ética, e mais especificamente dela as leis religiosas ou um estilo de vida eleito pelas ideias sobre osmose natureza humana, de forma que a religião tem sido uma forma de compreender o mundo, embora tenha várias feições, conforme cada momento histórico.

Conforme a Abbagnano (2000, p. 437), além da Antropologia:

A palavra *fenomenologia* foi empregada por alguns pensadores ao longo da história da filosofia, e pode ser aqui definida nos seguintes termos: “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”. Como se pode deduzir do próprio vocábulo, a

linguística e filósofo Ferdinand de Saussure(1857 - 1913), e Charles Peirce(1839 - 1914) (SIGNIFICADOS, 2018).

⁶Ciência da religião: uma disciplina acadêmica de perspectiva empírica que investiga sistematicamente religiões em todas as suas manifestações. Um elemento chave é o compromisso de seus representantes com o ideal de distanciamento e respeito frente aos objetos de estudo, também chamado de agnosticismo metodológico. [...] O objetivo da ciência da religião é fazer um inventário, o mais abrangente possível, de fatos reais do mundo religioso, bem como um entendimento histórico do surgimento e desenvolvimento de religiões particulares, uma identificação de seus contatos mútuos e a investigação de suas inter-relações com outras áreas da vida (SHEEDY, 2016).

⁷TalalAsad (nascido em 1932) é um americano Antropólogo cultural no Centro de Graduação da Universidade da Cidade de Nova Iorque. Asad deu importantes contribuições teóricas ao pós-colonialismo, cristianismo, islamismo e estudos rituais e recentemente pediu e iniciou uma antropologia do secularismo. Usando um método genealógico desenvolvido por Friedrich Nietzsche e destacado por Michel Foucault. Asad "complica termos de comparação que muitos antropólogos, teólogos, filósofos e cientistas políticos recebem como fundo não examinado de pensamento, julgamento e ação como tal. Ao fazer isso, ele cria clareiras, abrindo novas possibilidades de comunicação, conexão e invenção criativa onde a oposição ou a indiferença estudada prevaleceram" (WILLIAM E.; CONNOLLY, 2006, p. 75).

fenomenologia está relacionada diretamente ao conceito de *fenômeno* o qual pode ser definido como “aquilo que aparece ou se manifesta”.

Desta forma, o mundo, em sua totalidade, tal como descoberto na experiência, não tem valor imediato para a fenomenologia, “deve-se pô-lo entre parênteses sem atestá-lo, mas também sem contestá-lo”, conclui rapidamente Husserl (1991, p.104).

Já para o cristianismo, a religião tem como base os contextos bíblicos para destacar a humanidade e divindade de Jesus Cristo, conforme escreve João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (JOÃO 1:1); (BÍBLIA, 1994). E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (JOÃO1:14); (BÍBLIA, 1994).

Segundo White⁸ (2004, p. 19), escritora cristã:

Vindo habitar conosco, Jesus devia revelar Deus tanto aos homens como aos anjos. Ele era a Palavra de Deus – o pensamento de Deus tornado audível. Em sua oração pelos discípulos disse: “Eu lhes fiz conhecer o Teu nome” – misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade – “para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles esteja”.

O próprio Cristo, como ser humano, enfatizando sua divindade, disse: “Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de Eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: ‘Mostra-nos o Pai?’”(JOÃO 14:9); (BÍBLIA, 1994).

A visão religiosa de um Deus ao mesmo tempo divino e humano traz a ideia de um ser relacional, que procura restabelecer com o homem um vínculo rompido pelo pecado, a fim de restaurar nele à sua imagem e semelhança, como descrita no livro de Gênesis: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (GÊNESIS 1:26); (BÍBLIA, 1994).

⁸Ellen G. White (1827-1915) é considerada como autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé (WHITE, 2014).

Hohnberger (2003, p. 28), afirma que Deus é a única pessoa que pode ser conhecida por todos e assim, descreve essa relação (COLOSSENSES 3:3);(I CORÍNTIOS 15:28); (BÍBLIA, 1994):

A relação entre Deus e a alma é o pulso da verdadeira experiência cristã! Diariamente, de hora em hora, a cada momento, Deus está dirigindo, Deus está dando poder, Deus está nos inspirando a viver uma “vida... oculta em Cristo, em Deus” para que assim “Deus seja tudo em todos”.

Na visão da religião cristã, essa aproximação torna-se possível mediante à aceitação do amor oferecido por Deus, demonstrado no sacrifício de Jesus Cristo, para salvação do homem, assim definido por João: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (JOÃO 3:16); (BÍBLIA, 1994).

Nessa aceitação, os seguidores da religião cristã sentem-se parte de Deus, conforme define Paulo: “Pois nele vivemos nos movimentamos e existimos’, como declararam alguns de vossos poetas: ‘Porquanto dele também somos descendentes’” (ATOS 17:28); (BÍBLIA, 1994).

Dessa forma, a religião cristã reconhece o homem como sujeito relacional, em primeira instância para com Deus, ao sentir na sua existência a presença de um Deus que o criou e o salvou; em segunda instância, a fim de revelar o caráter desse Deus de amor,na relação de uns para com os outros.

2.2 A PSICANÁLISE

A psicanálise, por sua vez, caminha de mãos dadas com a filosofia descortinando os enigmas da vida cotidiana. Desenvolvida por Sigmund Freud e existente a mais um século como a ciência do inconsciente, a psicanálise é entendida como um método de tratamento dos transtornos psíquicos e, inclusive, um método de pesquisa que tem como objetivo a investigação e compreensão do

inconsciente. É considerada como uma forma de tratamento das psiconeuroses que acometem os seres humanos.

Conforme Nasio (1995, p. 48 e 49), “A psicanálise é um procedimento, um método e a teoria daí derivada”, apresentando três linhas de pesquisa, para assim defini-la:

Psicanálise é o nome: 1) de um método de investigação dos processos psíquicos que, de outro modo, são praticamente inacessíveis; 2) de um método de tratamento dos distúrbios neuróticos que se fundamenta nessa investigação; 3) de uma série de concepções psicológicas adquiridas por esse meio (...).

Nasio (1995, p. 48 e 49), também busca compreender “Quais são os conteúdos da teoria psicanalítica”, agrupando os fatores que a constituem:

São eles: a ênfase colocada na vida pulsional (afetividade), na dinâmica psíquica, na significância e no determinismo gerais, inclusive dos fenômenos psíquicos aparentemente mais obscuros e mais arbitrários; a doutrina do conflito psíquico e da natureza patogênica do recalque, a concepção dos sintomas mórbidos como satisfação substitutiva, e o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, em particular a dos primórdios da sexualidade infantil.

O site *A mente é maravilhosa* (2018) apresenta o método de tratamento da Psicanálise como livre associação de ideias, interpretação dos sonhos e análise dos atos falhos, sendo destes, o principal método da psicanálise, a interpretação da transferência e da resistência com análise da livre associação.

Para Novais (2017, p. 388), a base da Psicanálise é a Neuropatologia, onde todo o edifício da psicanálise busca na teoria da repressão o material empírico sobre o qual ela repousa a observação da repressão, a resistência e o conflito na vida humana.

De acordo com Vale (2018), não se pode negar as contribuições de Freud por meio da psicanálise para o conhecimento humano e para os estudos mentais, de forma que o verdadeiro choque moral provocado por essas ideias serviu para que a humanidade rompesse seus tabus e preconceitos na compreensão da sexualidade.

A Ordem Nacional dos Psicanalistas (2018) percebe a sexualidade humana, como o berço da vida e do amor, podendo apresentar-se como o início das neuroses, psicoses, desvios narcisistas de personalidades e também a nascente da

Psicanálise, já que na visão psicanalista a sexualidade deve ser entendida em seu sentido amplo e não restrito, ou seja, a sexualidade como manifestação do prazer no organismo.

Para Nasio (1995, p. 33), as tendências em busca da satisfação sexual nascem na zona erógena do corpo, mas esbarram no recalçamento, permitindo a exteriorização de atos que substituem o ato incestuoso, tendências chamadas de pulsões sexuais.

E continua (NASIO, 1995, p. 33):

As pulsões sexuais são múltiplas, povoam o território do inconsciente, e sua existência remonta a um ponto longínquo de nossa história, desde o estado embrionário, só vindo a cessar com a morte. Suas manifestações mais marcantes aparecem durante os primeiros cinco anos de nossa infância. Freud decompõe a pulsão sexual em quatro elementos. Deixando de lado a *fonte* de onde ela brota (zona erógena), a *força* que a move e o *objetivo* que a atrai, a pulsão serve-se de um *objeto* por meio do qual tenta chegar a seu objetivo ideal. Esse objeto pode ser uma coisa ou uma pessoa, ora a própria pessoa, ora uma outra, mas é sempre um *objeto fantasiado*, e não real. Isso é importante para compreender que os atos substitutivos através dos quais as pulsões sexuais se exprimem (uma palavra inesperada, um gesto involuntário, ou laços afetivos que não escolhemos) são atos moldados em fantasias e organizados em torno de um objeto fantasiado

A visão da psicanálise de Sigmund Freud trouxe avanços importantes para os estudos mais atuais. É possível observar isso na aprendizagem, na cura de fobias e nos traumas, medos, estado emocional e outras contribuições de problemas originados no processo emocional.

De acordo com Novais (2017, p. 333), Freud (FREUD, volume XII, p. 175) nos esclarece qual o interesse da psicanálise:

A psicanálise é um procedimento médico que visa à cura de certas formas de doenças nervosas (as neuroses) através de uma técnica psicológica. Num volume publicado em 1910, descreve a evolução da psicanálise a partir do procedimento catártico de Josef Breuer e de sua relação com as teorias de Charcot e Pierre Janet.

Sob a perspectiva freudiana, quando a sexualidade é reprimida gera as neuroses. Reafirmando Freud, Novais (2017, p.388), diz: [...] “a doença é gerada pelo próprio ser humano. [...] em termos mais genéricos, a essência da repressão consiste na recusa do ser humano em admitir as realidades de sua natureza humana”.

2.3 RELIGIÃO X PSICANÁLISE

Para Freud uma das grandes responsáveis por desencadear as neuroses é a religião, de forma que o seu primeiro escrito sobre a religião foi o ensaio *Atos obsessivos e práticas religiosas*, em 1907(FREUD, 1906, p. 109ss).O título do ensaio, assim como o texto abordado, traça um paralelo entre as cerimônias e rituais presentes na neurose, deixando evidente que se trata de uma abordagem sobre as similaridades entre a obsessão e a religião.

Dessa forma, para Freud as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina de “neurose obsessiva”(FREUD, 1906, p. 110s). Além dessa visão, é possível encontrar diversas abordagens sobre religião nas demais obras escritas por Freud.

Freud também relaciona as doutrinas religiosas com um caráter ilusório e que não podem ser comprovadas, aproximando-as de um delírio e colocando o conhecimento científico como a “única estrada que nos pode levar a um conhecimento da realidade externa a nós mesmos” (FREUD, 1927, p. 45).

Afirmações como essas, difundiram a ideia entre o meio psicanalítico de que para Freud não há “casamento” entre a psicanálise e a religião, mas observa-se que a crítica de Freud em relação à religião, conforme suas próprias palavras, parece ir contra a seguinte resposta dada a Oskar Pfister⁹(FREUD *apud* ROUDIESCO; PLON, 1998, p. 589): “A psicanálise, em si, não é nem religiosa nem irreligiosa. É um instrumento sem partido, do qual podem servir-se religiosos e leigos, desde que o façam unicamente a serviço do alívio dos seres que sofrem”.

Dessa forma, a visão religiosa parece amena, no entanto, diante de outras posições mais radicais, conforme Flecha (2016),Freud era um homem que não necessitava emocionalmente do amparo de um ser superior, pois para ele, o que

⁹OskarPfister: Um filósofo suíço, também teólogo e pastor protestante. Trocava cartas com Freud (1909-1939), o principal assunto era a religião e a psicanálise, ou seja, “Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã” (FREUD e PFISTER, 2009).

bastava para lidar com a vida, era aquilo que se oferecia de forma evidente no mundo da natureza.

Flecha (2016), sobre Freud, pondera que:

Sua atenção voltava-se com maior intensidade para as fontes da religião judaica e cristã, pois estas lhe eram mais próximas. Em relação ao Judaísmo sua posição era de intolerância com os rituais e práticas, no entanto, valorizava seus ensinamentos éticos. Com relação ao Cristianismo, que segundo a sua visão era marcado por um sincretismo com as religiões pagãs, Freud julgava um retrocesso quando comparada ao Judaísmo. Na condição de judeu, seria natural de sua parte uma atitude marcada pelo preconceito, dada a história de perseguições promovidas pelo Cristianismo; no entanto, sua posição era de tolerância.

A psicanalista Rizzuto (2001) interpreta alguns elementos contidos na teoria de Freud e em seu desenvolvimento pessoal para mostrar as razões que o levaram a se opor à religião e suas instituições. Ao ser entrevistada sobre “Por que Freud rejeitou a Deus”, pela revista IHU On-Line(2006), Rizzuto diz que:

Circunstâncias pessoais da vida de Freud, durante seu crescimento, não lhe permitiram a experiência da sensação de proteção. Seus primeiros anos de vida foram marcados por mortes significativas: seu avô paterno, seu tio e seu irmão Julius. A última morte marcou a experiência psíquica de Freud para toda a vida. Ele teve outras perdas: sua babá, a quem foi superapegado, desapareceu de sua vida sem dar notícia. Freud, quando era pequeno, saiu de sua cidade natal, e seu pai perdeu o emprego. Depois, entrou para a escola pública, e pegaram seu tio favorito contrabandeando, prenderam-no e julgaram-no. Em suma, nenhum dos adultos com os quais Freud precisou contar foram capazes de oferecer-lhe proteção e segurança. Eles falharam com Freud de uma maneira ou de outra. Meus estudos mostram que crianças precisam de modelos de confiança e figuras adultas para dar forma a uma representação de Deus que seja acreditável. Freud não teve essa experiência. Ele sentiu que tinha que tomar conta dele mesmo, sozinho. Para ele, em suas palavras, “não há nenhuma Providência” para prestar atenção nele. Como cientista, ele acreditou apenas nos métodos científicos que implica que tudo que não é provado cientificamente não existe. Esse segundo fator contribuiu para consolidar sua descrença na existência divina.

E ao ser questionada sobre a imagem que Freud tinha de Deus, Rizzuto responde à revista IHU On-Line(2006):

[...] Minha resposta não vem da exploração de sua mente, mas dos acessos indiretos que tive a seus escritos. De sua experiência, Freud concluiu que Deus descrito pela religião como uma divindade que nos protege, não existe. Na consciência dele, a representação de Deus clamava por um aspecto de proteção. A experiência emocional de Freud indicava para ele

que nenhuma das figuras paternas nem os adultos de sua vida foram capazes de protegê-lo das perdas profundas e do sofrimento. Ele não teve experiências para formar sua crença na representação da providência e proteção de Deus.

Além de Freud, é possível destacar outros dois nomes da história psicanalítica que abordaram temas sobre a religião, a partir de suas origens familiares, mas que obstinados com a ciência de seu tempo e desejando abordar a questão por uma perspectiva científica, foram críticos da religião institucionalizada. São eles: Carl Gustav Jung¹⁰ era filho de um pastor protestante e Jacques Émile Lacan¹¹ que pertencia a uma família extremamente católica – um de seus irmãos foi um monge beneditino.

Jung compreende a religião como *relegere*¹² (AZEVEDO, 2010, p. 91) um termo que se remete às raízes do paganismo, onde está vinculado à prática correta dos ritos, exigindo uma postura de escuta, observação e submissão por parte do ser humano ao desejo ou à vontade dos deuses. É interessante observar que Jung

¹⁰ Carl Gustav Jung psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica. Fundador de uma escola de psicoterapia*, amigo e discípulo de Sigmund Freud* de 1907 a 1913, introdutor com Eugen Bleuler* da psicanálise* na Suíça alemã, especialista em psicoses* e fascinado pelo orientalismo, Carl Gustav Jung realizou uma obra tão abundante quanto a de Freud.[...] Nascido em 26 de julho de 1875, em Kesswill, no cantão de Turgóvia, Carl Gustav Junger é descendente de uma longa linhagem de pastores. ... Quanto a Samuel Preiswerk (1799-1871), avô materno de Carl Gustav Junior, também era pastor e adepto do espiritismo*. Com sua prima, Hélène Preiswerk* e sua mãe, Émilie Preiswerk-Jung (1848-1923), o jovem Carl Gustav também adquiriu o hábito de se dedicar ao espiritismo (ROUDINESCO, E.; PLON, M., 1998, p. 421).

¹¹ Jacques-Marie Émile Lacan foi um psiquiatra e psicanalista francês. Dentre os grandes intérpretes da história do freudismo*, Jacques Lacan foi o único a dar à obra freudiana uma estrutura filosófica e a tirá-la de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo. ... Nascido em Paris, em 14 de abril de 1901, em uma família de fabricantes de vinagres de Orléans (os Dessaux), Jacques-Marie Émile Lacan pertencia à média burguesia católica e conservadora. Como se fizera com seus outros irmãos, acrescentou-se ao seu nome o da Virgem Maria. Progressivamente, renunciaria a esse nome, nos diversos textos escritos no período entre-guerras. Seu pai, Alfred Lacan (1873-1960) era um homem fraco, esmagado pelo poder de seu próprio pai, Émile Lacan (1839-1915). Quanto à sua mãe, Émilie Baudry (1876-1948), mais intelectual, era inteiramente voltada para a religião. Esse clima familiar, até mesmo banal, horrorizava o jovem Lacan (ROUDINESCO, E.; PLON, M., 1998, p. 445 e 446).

¹² Na célebre obra de Cícero, *De Natura Deorum (A natureza de Deus)*, o termo *religiosus* recebe a denominação de *relegere* e reforça a ideia de um fazer corretamente ou uma cuidadosa postura na prática do culto. “[...] aqueles que retomavam (*retractarent*) diligentemente e, de alguma maneira, *relegerent* todas as práticas do culto, foram chamados religiosos do verbo *relegere*, como *elegantes* deriva de *eligere*, *diligentes de diligere* e *intellegentes de intellegere*. Em todas essas palavras está implícito o mesmo significado de *legere* que achamos em *religioso*” (Cícero. *Sulla natura degli dei*, II, 28, 72. Citado por AZEVEDO, 2010, p. 91).

nunca utiliza o termo *religare*¹³, (DUBUISSON, 1998, p. 44), já que o seu entendimento para a religião é fundamentado exclusivamente por *relegere*. Não há como atribuir o termo *religare* à compreensão de Jung, pois fere a noção de um ser humano que possui um “*pressuposto*” religioso, ou seja, a religião, na perspectiva de Jung é inata, sentida internamente na psique. Conforme Portela (2018), “em outras palavras, o que interessa a Jung é a religião enquanto manifestação psicológica, enquanto experiência psíquica e sua característica simbólica”.

Para Lacan (2018), as relações entre psicanálise e religião “não são muito amigáveis”. Cunha (2018) contribui observando que inicialmente, Lacan propõe uma retomada da interpretação freudiana sobre a religião e assim como Freud ele se tornou uma espécie de crítico da cultura religiosa de seu tempo. Mas, diferentemente de Freud, Lacan deu uma nova interpretação e um novo papel a essa instituição.

Askofaré (2008, p. 14), afirma que para Lacan, a religião não é um tema qualquer em seu ensino, mesmo não ocupando o mesmo lugar e o mesmo *status*, que Freud (1988, p. 176), auto intitulado de *judeu incrédulo*. Conforme a visão de Freud a religião se relaciona com as neuroses obsessivas, enquanto no pensamento de Lacan sua qualificação é muito mais valorizada, mesmo tratando-a como *esquizofrenia coletiva* (LACAN, 2005, p. 76). Dessa forma Lacan percebe a religião como uma neurose coletiva. Assim destacado por Askofaré (2008, p. 15): “[...] todo o ensino de Lacan [a cerca da religião] pode ser lido como uma obra de registro (eliminação) da psicanálise na religião e, em seguida, de emancipação (separação), a psicanálise da religião”, reconstruindo a finalidade e o propósito da religião sem sentido, de forma que desligada uma da outra, a psicanálise da religião e a religião da psicanálise, devem ocupar os seus lugares de direito e cumprir o seu papel.

Não há no ensino de Lacan nenhuma teoria religiosa que tenha sido tão bem formulada como as que foram estabelecidas por Freud em *Totem e tabu* (1999), *O futuro de uma ilusão* (1988) ou *Moisés e o monoteísmo* (1996), no entanto, Lacan não foi indiferente ao assunto, pelo contrário, no que diz respeito a Deus e à religião,

¹³Dubuisson nos explica que “na medida em que a verdadeira religião se dirige ao único verdadeiro Deus, divindade única, a religião tende a valorizar esse laço que liga (*religare*) o homem a Deus segundo a célebre etimologia proposta por Lactâncio” (DUBUISSON, 1998, p. 44). É da pena de Lactâncio que *religiocomeça* a perder seu sentido de *relegere*, rompendo com o laço romano do paganismo, com o culto aos deuses, e passa a ser entendido enquanto *religare*, reforçando a crença de um Deus único e, ao mesmo tempo, marcando o fortalecimento do cristianismo que vai de um sistema filosófico à religião oficial do Império Romano (DUBUISSON, 1998, p. 44).

Lacan apresenta como obra *O triunfo da religião*, que traz uma visão amadurecida das leituras de Freud, sendo considerada por Cunha (2018, p. 142) como bojo da edificação conceitual lacaniana.

Nesse sentido, conforme Cunha (2018, p. 151) para Lacan, a religião e a psicanálise são bem diferentes, pois enquanto a psicanálise é um sintoma do mal-estar, a religião é a cura deste, onde apenas a religião verdadeira pode dar sentido ao mundo, conforme ele afirma no início de sua entrevista (LACAN, 2011):

Se a religião triunfar, como é o mais provável – falo da verdadeira religião, não há senão uma verdadeira – *se a religião triunfar, isso será sinal de que a psicanálise fracassou*. É muito normal que ela fracasse, porque aquilo ao qual se consagra é muito difícil.

No contexto histórico da psicanálise é possível encontrar outros nomes que defendiam e praticavam a religião em sua vida pessoal. Dentre estes, está a psicanalista francesa Françoise Dolto¹⁴ e o psicanalista inglês Donald Woods Winnicott¹⁵, que fez parte da Sociedade Britânica de Psicanálise, sendo muito influenciado por Melaine Klein¹⁶ em seus primeiros anos de estudos em psicanálise.

¹⁴Françoise Dolto foi uma psicanalista francesa que teve grande influência sobre a educação de crianças de seu tempo. Ao iniciar seus estudos de Medicina, em 1932, já pensava em dedicar-se à Pediatria. Mas foi depois de uma análise pessoal, feita com o psicanalista francês René Laforgue, que Dolto iniciou sua carreira como psicanalista, em especial como psicanalista de crianças. E foi a partir dessa experiência de trabalho que desenvolveu um pensamento original sobre a educação de crianças, para uso de pais e de educadores, inspirando-se nos conhecimentos que a psicanálise e sua prática puseram à sua disposição” (DOLTO, 1977).

¹⁵Donald Woods Winnicott nasceu em 1896 em Plymouth, Devon, uma praça-forte da tradição wesleyana não conformista. Seu pai, comerciante bem sucedido e muito admirado, e prefeito da cidade, recebeu o grau de cavaleiro por serviços cívicos prestados. Donald era o mais jovem de três filhos, com duas irmãs mais velhas e, aparentemente, teve uma infância feliz [...] Enquanto frequentava a faculdade de medicina converteu-se à Igreja Anglicana. Também enquanto estudante, descobriu ser incapaz de recordar os sonhos e, ao procurar um livro que pudesse ajudá-lo, deparou-se com um trabalho sobre Freud, da autoria de um pastor suíço chamado Oskar Pfister. Isto introduziu Winnicott aos textos psicanalíticos (GIOVACCHINI, 1995, p. 27).

¹⁶Melaine Klein é considerada, após Freud, a escola mais importante dos estudos psicanalíticos. Klein foi uma psicanalítica que desenvolveu a teoria freudiana dando ênfase à infância e às relações desencadeadas nesta fase. Uma de suas inovações, por exemplo, é que o complexo de Édipo não começava em torno da fase genital, como Freud defendia, mas bem mais precocemente (ROUDINESCO, E.; PLON, M., 1998).

3 UM DIÁLOGO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Como médico pediatra, Winnicott se interessou pelo desenvolvimento dos bebês e principalmente a figura materna (WINNICOTT, 1983, p. 81). Percorreu as sendas das primeiras relações humanas procurando atender a demanda da saúde mental. Como psicanalista Winnicott procurou formar uma concepção de saúde mental, começando pelo desenvolvimento emocional primitivo (WINNICOTT, 1986, p. 77), ao mesmo tempo em que tratava a religião como um possível espaço de saúde mental e criatividade (WINNICOTT, 1986, p. 33).

Chauvet (1995, p.52) citando Winnicott explica a relação entre estes campos na vida humana, observa que:

Winnicott se esforça para mostrar como o objeto transicional da criança constitui o ponto de partida de um processo que subsiste ao longo de toda a vida no modo de experimentação interna que caracteriza as artes, a religião, a vida imaginária e o trabalho científico-criativo: o conjunto dos fenômenos culturais deve, pois ser compreendido como um processo de “fenômenos transicionais”. Entre a área psíquica de dentro e a área do real de fora existe, portanto, uma terceira área... onde se situa a experiência cultural ou o jogo criativo, chamado pelo autor “espaço potencial”, onde se negocia, através do jogo, a criação artística ou ritualidade religiosa, a relação com o real.

Percebe-se neste contexto que muitas formações acontecem no primeiro ano de vida de uma criança, onde o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio, já que num estudo da construção da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida e até mesmo do último estágio da vida pré-natal até a experiência do nascimento, sendo que cada momento pode ser significativo.

Para Winnicott (1958, p. 4):

[...] a despeito de nossa ignorância no que toca a este assunto, há algo na mãe de um bebê que a torna particularmente qualificada para proteger seu filho nesta fase de vulnerabilidade, e que a torna capaz de contribuir positivamente com as claras necessidades da criança. A mãe é capaz de desempenhar esse papel se se sentir segura; se se sentir amada em sua relação com o pai da criança e com a própria família; e ao sentir-se aceita nos círculos cada vez mais amplos que circundam a família e constituem a sociedade.

Assim, é possível perceber que a biografia de cada ser humano começa nos primeiros contatos com outras histórias humanas, construídas na relação com as imagens e conceitos humanos intrínsecos aos olhares e dependências. Desta forma, é nesse espaço potencial da construção das relações que a religião tem seu diálogo com a psicanálise.

Autores cristãos têm em seus escritos, estudos que dialogam com os que são apresentados pela psicanálise, no que diz respeito à constituição do sujeito. White (1910, p. 171) afirma que:

Os sentimentos da mãe moldam a disposição da criança antes de nascer. Os pensamentos e sentimentos da mãe terão poderosa influência no legado que ela faz a seu filho. Se ela permite que os próprios pensamentos se demorem em seus sentimentos, se condescende com o egoísmo, se é irritadiça e exigente, a disposição de seu filho testificará desse fato...

Para Winnicott (1958), como para os autores que estudam sua constituição, o ser humano traz em si uma tendência inata a se desenvolver e a se unificar. Essa tendência atualiza-se no funcionamento dos processos de maturação.

No plano psíquico, a expressão “processo de maturação” aplica-se à formação e à evolução do eu, do isso e do supereu, bem como ao estabelecimento dos mecanismos de defesa elaborados pelo eu num indivíduo sadio (NASIO, 1995, p.183). A saúde psíquica, portanto, repousaria no livre desenrolar desses processos de maturação. Entretanto, é o ambiente, inicialmente representado pela mãe ou por um de seus substitutos, que permite ou entrava o livre desenrolar desses processos.

Dessa forma, Giovacchini (1995, p. 34) afirma que a concepção de Winnicott a respeito da religião foi de alguma importância. Por ter sido criado em uma fé conformista, manteve a capacidade de surpreender e distinguir-se de tantos autores psicanalíticos.

White (2014, p. 64 e 194) reafirma o pensamento de Winnicott, orientando sobre a importância dos três primeiros anos de vida:

Mães, estai certas de que disciplinais¹⁷ devidamente vossos filhos durante os seus três primeiros anos de vida. [...] A mãe deve ser mente para os filhos. Os três primeiros anos são o tempo para vergar o pequenino rebento. As mães devem compreender a importância desse período. É aí que é posto o fundamento.

¹⁷Disciplinar conforme definido “Educar, ensinar, instruir” (SINÔNIMOS, 2018).

Ainda sobre o desenrolar do processo de maturação, White (1905, p. 371) pondera que:

Os pais provêm o equipamento vital dos filhos. O que são os pais, em grande parte hão de ser os filhos. As condições físicas dos pais, suas disposições e apetites, suas tendências morais e mentais são, em maior ou menor grau, reproduzidas em seus filhos.

Assim como White e de acordo com Paula (2001), ao fazer uma leitura do ser humano, Winnicott soube interligar o mundo adulto com o mundo infantil. Indo mais adiante (WINNICOTT, 1986, p. 11):

O que a psicanálise nos diz de mais importante a respeito das pessoas? Ela nos fala a respeito do inconsciente, da vida profunda e oculta de cada indivíduo humano que tem raízes na vida real e imaginária da infância mais precoce. No início, o real e o imaginário são uma única coisa, pois a criança não apreende o mundo de modo objetivo, mas vive num estado subjetivo em que é criadora de todas as coisas. Gradualmente, a criança saudável torna-se capaz de perceber o mundo do não-eu; para alcançar esse estado precisa ser cuidada de modo satisfatório durante a época de dependência absoluta.

Esse pensamento de Winnicott de que “a vida inconsciente” das pessoas está profundamente ligada à relação satisfatória – ou não satisfatória – da primeira infância é enfatizado por Nasio (1999, p. 80 e 81) no processo de identificação.

Ela corresponde à forma reflexiva do verbo “identificar”, isto é, “*identificar-se*”. Diremos que um sujeito se identifica com alguém ou alguma coisa quando ele se confunde com esse alguém ou essa coisa, quando ele vai até o outro para assimilá-lo e assimilar-se a ele, até tornar-se idêntico. [...] E chegamos então à psicanálise. [...] a qual “*identificar-se*” é um movimento em direção ao outro, uma necessidade de absorvê-lo, de comê-lo ou até de devorá-lo.

Nasio (1999, p. 81 e 82) ainda esclarece que há duas formas de identificação:

Ora, uma pessoa pode identificar-se com alguém ou alguma coisa de duas maneiras diferentes. Vamos tomar o caso simples de um filho que se identifica com o pai. Ele pode fazê-lo de duas maneiras. A primeira é uma *vontade consciente* de ser como o pai. É o caso do menino de sete anos que sonha ser tão forte quanto o pai e faz tudo para imitá-lo. [...] Entretanto, há uma segunda maneira de identificar-se com o outro, na qual o processo não é consciente. Sem dúvida, estamos no mesmo movimento ativo de ir em direção ao outro para assimilá-lo e deixar-se assimilar por ele, mas trata-

se de um impulso espontâneo, irrefletido, de identificação. “Quero ser o outro e quero ser no outro, mas não tenho consciência dessa vontade”. Ora, na psicanálise essa vontade não se chama vontade, mas desejo. Mais exatamente: *desejo inconsciente de ser o outro*. Também se pode chamar esse desejo inconsciente de “identificação inconsciente”.

Assim, conforme Nasio (1999), ao pensar na constituição do sujeito é preciso abordar o fenômeno da identificação, construído por Freud, a partir da demarcação do eu como instância identificatória e estabelecido, principalmente em Lacan e revisto por Melanie Klein e Winnicott.

Ainda sobre a identificação na constituição do sujeito, Klein traz uma visão mais ampliada, do que a apresentada por Freud, ao ter como foco de sua prática psicanalítica as fases da primeira infância, chamadas por ela de posições.

Dupas (2007, p.41) observa que:

Segundo Klein, a base da estabilidade mental está na capacidade para “negociar” a passagem da posição esquizoparanóide¹⁸ para a posição depressiva¹⁹. Na posição depressiva o indivíduo é capaz de suportar a dor psíquica, a mágoa, a culpa e a vergonha, em vez de se livrar dela. A ideia de que a dor mental é sofrida e promove crescimento não está em Freud.

Pode-se dizer que para Klein, é necessário solucionar a fase esquizoparanóide para poder alcançar a posição depressiva. Essa transição remete-se a teoria do Complexo de Édipo²⁰, que para Klein começa bem antes do determinado por Freud, ressaltando que, na concepção Kleiniana da problemática do Édipo, o *lugar conferido à mãe é central*.

De acordo com Nasio (1995, p. 152 e 153):

Primeiramente, a mãe kleiniana aparece como a metáfora, a imagem da *Outra Cena*, para empregarmos uma noção freudiana, ou seja, como o *lugar*

¹⁸Klein chamou de posição esquizoparanóide o período inicial de desenvolvimento da criança, onde há presença da ansiedade e dos medos persecutórios resultantes dos impulsos sado-orais, que desenvolver a paranoia e a esquizofrenia (ROUDINESCO, E.; PLON, M.,1998).

¹⁹Klein chamou de posição depressiva o período seguinte ao da esquizoparanóide, onde os sentimentos depressivos são então experimentados como integradores do eu, pois favorecem a compreensão gradativa da realidade psíquica e uma melhor percepção do mundo externo (ROUDINESCO, E.; PLON, M.,1998).

²⁰O Complexo de Édipo foi um conceito criado por Sigmund Freud. O criador da psicanálise foi influenciado, em suas observações e pesquisas, pela tragédia Édipo Rei, de Sófocles. Nesta peça Édipo, sem saber que Jocasta é sua mãe, se casa com ela, após assassinar o próprio pai, Laio, inconsciente do parentesco entre ambos. Ao descobrir a verdade, ele cega a si mesmo enquanto a mãe se suicida (SANTANA, 2018).

onde se encenarão, para o sujeito, suas fantasias e seus desejos inconscientes, e, portanto, a simbolização e a constituição do eu, entendida como constituição do princípio de prazer. [...] Há uma diferença entre a mãe freudiana e a mãe kleiniana, pois o grande trauma, para Melanie Klein, não é, justamente, a visão da castração da mãe, não é a castração representada pela possível privação do pênis; é o *trauma do desmame* ou seja, do fato de que o sujeito depende, em sua vida animal, do seio que satisfaz, e, em sua vida humana, do seio que cria uma falta quando se faz ausente ou presente.

Dessa forma, como cada temática é vencida de modo mais ou menos satisfatório, elas deixam de certa maneira cicatrizes e déficits, pois as primeiras crises influenciam as posteriores, sendo que a crescente maturidade das funções cerebrais e o crescente volume de experiências do mundo levam sempre a novos desequilíbrios e obrigam a restabelecer o equilíbrio.

Nesse sentido, o ser humano precisa através das relações pessoais, desenvolver a expressão dos pensamentos que visam à formação psíquica, no nível de instrução socialmente ligado à religiosidade e a psicanálise, onde cada aspecto do ser humano pode ser desenvolvido cognitivamente, estabelecendo um diálogo para a constituição do sujeito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de religião apresentados neste estudo têm como objetivo mostrar que, com suas variadas formas de ver e entender o ser humano ao longo da história do mundo, cada uma traz sua contribuição na constituição do sujeito. Porém, este artigo propõe-se a construir um diálogo entre a psicanálise e a religião, enfatizando a visão cristã, por entender que esta traz aspectos fundamentais ligados às primeiras concepções da infância, permitindo assim uma relação mais profunda com o processo de identificação e constituição do sujeito, conforme proposto pela psicanálise.

Vale ressaltar, que neste estudo, não há nenhuma pretensão de exaltar um determinado conceito religioso ou de uma religião, em detrimento de outros e nem da religião em detrimento da psicanálise, ou vice e versa; pois não se trata de uma ou outra, mas, de uma e outra, juntas na busca daquilo a que cada uma se propõe, a “cura”, que por sua vez, está intensamente ligada à constituição do sujeito.

Assim, ao retomar o tema proposto, para que a constituição do sujeito seja compreendida, entende-se que o sujeito precisa ser definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos, onde a essência da subjetividade humana é universal e singular, como percebido por Dupas (2007, p. 84):

Nascemos com a disposição inata e com um potencial herdado para o desenvolvimento que avança conforme o ambiente seja ou não favorecedor. O ser humano se estrutura a partir de um encontro entre uma mãe, um pai e um bebê. A mãe é o primeiro intérprete do bebê; ela lhe ensina tempo e espaço e a diferenciação entre realidade interna e externa. Ele vai aprendendo a distinguir o seio interno alucinado do seio externo, especialmente porque o seio alucinado não alimenta. Por sua dependência essencial, o ser humano não sobrevive sem as funções materna e paterna. [...] Esse ser humano necessita da presença de um outro ser, tão estruturado e pensante quanto possível, porque são os pais que vão construir sua vida mental.

Nessa dependência própria do sujeito para o conhecimento, o direito e a consciência, seja essa consciência empírica, transcendental ou fenomênica, e analisando a religião em suas mais variadas formas, vê-se a ligação entre a religião cristã e a psicanálise, que Hohnberger (2003, p. 13) assim descreve: “Desde que fui formado no ventre materno, Deus em Sua infinita sabedoria, tinha posto em ação um

plano individual para mim, para me despertar o desejo e a necessidade de ter o próprio Deus em meu coração”.

White (1865, p. 426 e 1897, p. 194) dá a sua contribuição no pensamento religioso, dizendo que é:

Responsabilidade dos pais quanto a influência pré-natal. O primeiro grande objetivo a ser atingido na educação dos filhos e uma são constituição, que prepare em grande maneira o caminho para a educação mental e moral. A saúde física e moral se acham estreitamente unidas. Que enorme peso de responsabilidade repousa sobre os pais, quando consideramos que a direção por eles seguida, antes do nascimento dos filhos, tem muito que ver com o desenvolvimento do caráter deles depois do nascimento.

E ainda acrescenta White (1897, p. 194): “As primeiras lições impressas na criança, raras vezes são esquecidas. As impressões feitas no coração, no princípio da vida, são vistas em anos posteriores. Podem estar sepultadas, mas raras vezes serão obliteradas”.

É ao pensar nessa capacidade de acolher e transformar as angústias da criança proposta por Dupas, reafirmada por White, explicada por Nasio e perfeitamente teorizada por Klein e Winnicott, tão essencial à constituição do sujeito, que é possível estabelecer um diálogo entre a psicanálise e a religião, pois é na relação com os pais que a criança encontra recursos para inserir-se na cultura e, por meio dela, humanizar-se adequadamente, constituindo-se num sujeito.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

A MENTE É MARAVILHOSA. **O que é a associação livre**. Disponível em <https://amenteemaravilhosa.com.br/associacao-livre/>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

ASAD, Talal. **A Construção da Religião como uma categoria antropológica**. Tradução: Bruno Reinhardt e Eduardo Dullo. Disponível em https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/orientacoes/ASAD_Talal._2010.pdf. Acesso em 21 de novembro de 2018.

ASKOFARÉ, S. Du nom-du-pereausinthome: Lacan etlareligion. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Uerj)**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n1/artigos/pdf/v8n1a03.pdf>>. Acesso em: 21 novembro 2018.

AZEVEDO, Cristiane. **A procura do conceito de Religião: entre Religere e Religare**. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. v. 8, n. 2. 90-96. Março 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.

CASSIRER, E. [1944] **Ensaio sobre o Homem** – Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana, tradução de Tomás Rosa Bueno, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHAUVET, L. M. **A liturgia no seu espaço simbólico**, in: Concilium, (259) 3: Petrópolis, Vozes, 1995.

CUNHA, Gladson Pereira da. **Qual é o futuro da ilusão?** A religião no pensamento lacaniano e sua contribuição para a psicanálise com base na leitura de o triunfo da religião. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/3774/3547>. Acesso em 27 de novembro de 2018.

DSA-IASD, Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Pedagogia Adventista**. 2. ed. rev. e atual. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

DUBUISSON, Daniel. **L'Occident et la religion: mythe, Science et idéologie**. Bruxellas, Éditions Complexe. 1998.

DUPAS, Margarida Azevedo. **Psicanálise e educação: construção do vínculo e desenvolvimento do pensar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

FARIA, Thaís Brando Balázs da Costa. **Aproximações entre a antropologia interpretativa de Clifford Geertz e a abordagem histórico-cultural em psicologia de Lev Vigotski**. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

FLECHA, Renata. **Psicanálise e religião: algumas possíveis interlocuções**. (Sapere aude – Belo Horizonte, v. 7 – n. 12, p. 497-508, Jan./Jun. 2016 – ISSN: 2177-6342).

FREUD, Sigmund.; PFISTER, Oskar. **Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Editora: Ultimato, 2009.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos** (1927-31). in ESB, Obras Psicológicas Completas. Vol XXI Rio de Janeiro – Imago, 1996.

_____. **“Gradiva” Jensen e outros Trabalhos** (1906-1908). Vol. IX. Editora

Imago. Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Uma experiência religiosa**. In: Edição standard das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. XXI.

FUCNER, Ismael. **A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a Modernidade e a Pós-Modernidade**. Revista Mosaico, v. 5, n. 2, p. 159-169, jul./dez. 2012. Disponível em seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/2501/1556. Acesso em 23 de novembro de 2018.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1973.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIOVACCHINI, P.L. (org.). **Táticas e Técnicas Psicanalíticas — D.W.Winnicott**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

GIOVANONI, Hermenegildo. **A importância do símbolo para a compreensão da religião e da arte segundo Carl Gustav Jung**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) Universidade Federal de Juiz de Fora, departamento de Ciência da Religião. Minas Gerais 2009.

HOHNBERGER, Jim. **Fuga para Deus: história de uma família em busca de uma genuína experiência espiritual**. Tradução de Delmar Freire. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

HOPCKE, Robert. **Guia para a Obra Completa de C.G. Jung**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

IHU On – Line. **Por que Freud rejeitou Deus?** Edição 207, 04/dez/2006. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=648&secao=207. Acesso em 06 de dezembro de 2018.

JORGE, J. D. **A Construção da Associação Livre na Obra de Freud**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2007.

KLEIN, M. **Our adult word and other essays**. London: Medical Books, 1963.

LACAN, J. **Entrevista à imprensa do Dr. Lacan**. Disponível em: <https://pontolacaniano.wordpress.com/2008/03/31/entrevista-inedita-de-jacques-lacan-a-revista-italiana-panorama-1974/> Acesso em: 30 de novembro de 2018.

_____. **O triunfo da religião, precedido de discursos aos católicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LOPARIC, Z. "Winnicott e o pensamento pós-metafísico".in: **D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo**. Depto de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil, 1996, p. 24.

NASIO, J. D. **Introdução às Obras de Freud, Ferencsi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**, com contribuições de A. M. Arcangioli... [et al]; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. Rio de Janeiro – ZAHAR, 1995.

_____. **O prazer de ler Freud**. [tradução Lucy Magalhães; revisão técnica, Marco Antônio Coutinho Jorge].Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ORDEM NACIONAL DOS PSICANALISTAS. **Sobre a Psicanálise**. Disponível em <http://www.onp.org.br/index.php/sobre-a-psicanalise>. Acesso 20 de novembro de 2018.

PAULA, Blanches de. **Espaço potencial e religião**.(Revista Caminhando, v.6, n. 1 [8], p.115-125, 2010 [2ª ed. on-line 2010; 1ª ed. 2001]).

PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. **O conceito religião no pensamento de Carl Gustav Jung**. Disponível em <http://www.ufjf.br/sacriliegens/files/2014/01/10-1-5.pdf>. Acesso 25 de novembro de 2018.

PRADO, André Pires do; SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira da. **História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva: trajetórias, métodos e distinções**.Religare, ISSN: 19826605, v. 11, n. 1. Março de 2014.

RIZZUTO, Ana Maria. **Por que Freud rejeitou Deus?** Loyola, 2001.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTANA, Ana Lúcia. **Complexo de Édipo**. Nova Escola. Disponível em <https://www.infoescola.com/psicologia/complexo-de-edipo/>. Acesso em 01 de dezembro de 2018.

SHEEDY, Matt. **Ateísmo metodológico vs. Agnosticismo metodológico (tradução)**. Revista Último Andar, n. 29, 2016. Disponível em. <http://bulletin.equinoxpub.com/2016/01/religion-snapshots-methodological-atheism-vs-methodological-agnosticism/>. Acesso em 23 de novembro de 2018.

SIGNIFICADOS. **Significado de Semiótica**. Disponível em <https://www.significados.com.br/semiótica/>. Acesso em 25 de novembro de 2018.

SILVEIRA, Nise. **Jung, vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

STENNER, Andréia. **A identificação e a constituição do sujeito**. In: Psicologia, Ciência e Profissão, 2004, 24 (2), 54-59.

SUA PESQUISA.COM. **Sigmund Freud**. Disponível em <https://www.suapesquisa.com/biografias/freud.htm>. Acesso em 29 de novembro de 2018.

VALE, Inácio José do. **Dr. Freud, o gênio e a psicanálise**. Disponível em <https://www.fasdapsicanalise.com.br/dr-freud-o-genio-e-psicanalise/>. Acesso 03 de dezembro de 2018.

WHITE, Ellen G. **Orientação da Criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

_____. **O desejado de todas as nações**. Tradução de Isolina Waldvogel. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. **Educação: um modelo de ensino integral**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Vida em Família: Construindo relacionamentos felizes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. **Mente, Caráter e Personalidade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1910.

_____. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1905.

WINNICOTT, D. W. **O bebê e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 1996, introdução (IX).

_____. **Tudo começa em casa.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. trad. por Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **A Família e Desenvolvimento Individual.** Publicado na Medical Press, março de 1958.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos** [recurso eletrônico]: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática / David E. Zimerman. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2007.